



Revista **Saúde em Redes** (ISSN 2446-4813), v. 6, Supl. 2 (2020)

**O território CONVIDa a reexistir: ensaios e narrativas sobre respostas à pandemia nos pontos de atenção nos territórios onde a vida acontece**

DOI: 10.18310/2446-48132020v6n2Suplem.3378g575

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

(Capa: Márcio Mariath Belloc)

### Entre a saúde, as ciências sociais e a arte: diálogos na pandemia

#### *Between health, social sciences and art: dialogues in the pandemic*

Anelise Teixeira Burmeister<sup>II</sup>

Barbara Cristina Dias Mello<sup>II</sup>

Carlos Antonio da Silva Lima<sup>II</sup>

Claudia Rodrigues de Oliveira<sup>II</sup>

Eloa Katia Coelho<sup>I</sup>

Fátima Cleni Duarte de Oliveira<sup>II</sup>

Patricia Airoidi Kolodsiejski<sup>II</sup>

Rosemari de Souza Rodrigues<sup>II</sup>

Frederico Viana Machado<sup>I, II</sup>

(ORCID: 0000-0002-8884-1124)

#### Filiação institucional:

<sup>I</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (PPGCol/UFRGS). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>II</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bacharelado em Saúde Coletiva. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

#### Resumo:

Este relato discute a experiência do Grupo de Estudos Diálogos na Pandemia, enfocando as reflexões produzidas sobre saúde, ciências sociais, arte e cultura. Duas questões interrelacionadas orientaram o trabalho do grupo: 1) as possíveis contribuições da universidade para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento ao coronavírus; e 2) a construção de conhecimentos e processos de aprendizagem contextualizados pela pandemia. O grupo é formado por docentes e discentes da UFRGS, mas agrega acadêmicos de outras universidades, trabalhadores da saúde e ativistas de movimentos sociais em suas ações. A horizontalidade dos processos de organização do grupo foi um elemento fundamental para o êxito e continuidade das atividades, pois implicou os participantes e incluiu os temas mais urgentes e presentes na sociedade e no cotidiano acadêmico, que ganharam intensidade no contexto da pandemia.

**Palavras-Chave:** saúde pública; aprendizagem significativa; extensão universitária; política pública.

#### **Abstract:**

This report discusses the experiences of the Study Group Dialogs in the Pandemic, which focusses on reflections about health, social sciences, art and culture. Two interrelated considerations guided the work: 1) the possible contributions of the university to the development of strategies to confront the coronavirus; and 2) the construction of knowledge and learning processes contextualized by the pandemic. The group is made up of professors and students at UFRGS, but includes students from other universities, as well as

health workers and social activists. The non-hierarchical group organization was fundamental for the success and continuity of the activities, as all participants were equally free to contribute to the discussion of the most urgent themes in society and in academic daily life, which gained intensity in the context of the pandemic.

**Keywords:** public health, meaningful learning, university extension program, public policies.

## **Introdução**

Este relato apresenta e discute a experiência do Grupo Diálogos na Pandemia, enfocando os tensionamentos e reflexões produzidos sobre saúde, ciências sociais, arte e cultura. Diante do cenário causado pela covid-19, bem como por seus medos, incertezas e a falta de respostas adequadas às demandas da população, um grupo de discentes e docentes do Bacharelado em Saúde Coletiva consideraram imperativo criar um espaço de diálogo que acolhesse a comunidade acadêmica como um todo e fomentasse a reflexão sobre os impactos da pandemia e das iniquidades sociais decorrentes, dentro e fora da universidade.

O pensamento crítico no âmbito acadêmico foi motivado por duas questões interrelacionadas: 1) as possíveis contribuições da universidade para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento ao coronavírus; e 2) a construção de conhecimentos e processos de aprendizagem significativa contextualizados pela pandemia. Essas questões ganharam, na trajetória do grupo, densidade na interface entre a saúde, as ciências sociais, a arte e a cultura, tendo o político como conceito transversal a todos esses temas.

O grupo abriu a possibilidade de diálogo e reflexão acolhendo as vivências dos integrantes sobre uma situação nova e para a qual nos faltavam conhecimentos e técnicas, e criando a ambiência biopsicossocial e acadêmica necessária para a socialização de

saberes. Discutiram-se aspectos teóricos, técnicos e psicossociais relacionados à covid-19, bem como acontecimentos históricos semelhantes, investigando as relações entre os processos saúde-doença nos diferentes corpos e seus aspectos sociais, econômicos e políticos.

Consideramos que este relato se justifica, sobretudo por discorrer sobre a capacidade de mobilização autônoma desenvolvida pelo grupo, que sem processos de hierarquização ou liderança, construiu espontaneamente dinâmicas interacionais pautadas por princípios pedagógicos relevantes e atuais, como a aprendizagem significativa, as metodologias ativas e a extensão, como formas de aprendizagem na saúde.<sup>1 2</sup>

O grupo configurou-se como um projeto de extensão da UFRGS, registrado com o título *Diálogos da pandemia: conceitos analíticos e outras linguagens*. Com isso, buscou articular atores externos à universidade, produzindo trocas importantes. As políticas nacionais de educação ressaltam a importância de programas e projetos de Extensão na Educação Superior<sup>3</sup>, dando destaque para experiências formativas que integrem ensino-serviço, aproximando a Universidade dos cenários de intervenção, com vistas ao aprimoramento profissional e à educação cidadã. Nessa perspectiva, ao aproximar o espaço acadêmico dos movimentos sociais, dos profissionais da saúde e de outros atores sociais, estamos contribuindo para a

modernização da Universidade e de sua função emancipadora.<sup>4</sup>

Por fim, a experiência do grupo construiu estas ações em período de isolamento não apenas com o uso de ferramentas e tecnologias da informação, mas com processos interacionais totalmente virtuais.

### **Diálogos da pandemia: Organização e método do grupo**

O grupo de estudos *Diálogos na Pandemia* foi criado em março de 2020, após a impossibilidade de continuidade das aulas no modo virtual na Unidade de Produção Pedagógica Análise de Políticas Públicas e Sistemas de Saúde II do Bacharelado em Saúde Coletiva da UFRGS. O grupo estava motivado a continuar os encontros e desejoso de dar andamento aos estudos iniciados nas primeiras aulas, mas de forma mais livre e focada na questão da pandemia, que havia arrebatado a todas/os. O grupo se inicia com os discentes dessa UPP, mas aos poucos vai agregando membros de outros semestres, de outros cursos e, até mesmo, de outras universidades.

Por convite do tutor, os membros do Programa de Educação Tutorial Participação e Controle Social em Saúde (PET PCSS) se integraram ao grupo e passaram a apoiar as atividades. Como exemplo desta parceria, a edição dos vídeos dos encontros está sendo feita por integrantes do PET PCSS. O grupo também passou a contar com o apoio do Coletivo SENEb, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, do projeto “Saúde Coletiva contra o coronavírus” e do Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde (LAPPACS/UFRGS). Estas parcerias contribuíram para a divulgação das atividades do grupo, na cooperação para streaming dos encontros e para o processo de organização, de um modo geral.

Logo no início da pandemia a complexidade da situação começou a se tornar visível, e as

desigualdades dos efeitos nos diferentes grupos sociais tomaram a atenção do grupo, que passou a buscar compreender de forma crítica o momento vivido. Inicialmente foi realizado um sarau virtual, com tema livre e de escrita criativa, seguido do estudo de outras doenças que já foram epidêmicas, como malária, HIV/AIDS, febre amarela, gripe espanhola, lepra/hanseníase, peste, cólera e dengue. Foram mapeadas diferenças e semelhanças com o período atual e destacados os aspectos epidemiológicos, clínicos (causas, diagnósticos e tratamento), históricos, econômicos e políticos. As discussões do grupo começaram a agregar diferentes perspectivas e vivências ricas para o entendimento dos contextos de pandemia, estendendo-se principalmente a relatos de trabalhadores da saúde para expressar as vivências e as dificuldades vividas, não só materiais, mas também psicológicas, sociais e culturais. A partir de maio, para construir um painel de indicadores sociais da saúde na pandemia, buscou-se participações de artistas, sanitaristas, ativistas de movimentos sociais e trabalhadores da saúde para investigar as formas cristalizadas de exclusão e as ações e agentes que enxergam essa cristalização e lutam não só para torná-la visível, mas, principalmente, para construir alternativas de superação da realidade de exploração, esquecimento, privação e morte que incide sobre determinados grupos populacionais.

Desde o início, o grupo seguiu um padrão de organização horizontalizada, com a participação fixa de treze alunos de vários semestres do Bacharelado em Saúde Coletiva, junto a um professor-facilitador e vários outros participantes, professores, alunos e professores de outros cursos, bem como convidados externos, incluídos em cada um dos eventos por sua natureza aberta e divulgação ampla. Migrou, então, para a interação com convidados que têm ações reconhecidas em movimentos sociais em vários territórios e inserções. Essa metodologia proporcionou vivências da

realidade da ação sanitária, criando oportunidades de aprendizagens significativas mesmo no momento de distanciamento físico e isolamento das pessoas.

O formato flexível dessas interações valoriza o encontro com pessoas atuantes na luta pela equidade e direitos na interface com a saúde, mas não restritas a ela. Também participaram pessoas com atuação em projetos e políticas na área da educação, da arte e da cultura. Ocuparam um lugar importante as discussões sobre racismo e sobre LGBTQ+ fobias, enfocando a branquitude e os privilégios opressores, o uso discriminatório das estruturas sociais, e particularmente as de assistência, que evidenciam o propósito histórico e atual de selecionar quais corpos devem morrer ou viver, e viver bem.

Todas as atividades tiveram o caráter de buscar ações e visões de participação e controle social, com destaque para a organização de grupos historicamente marginalizados socialmente. Os temas trazidos, apesar de sua diversidade e riqueza, podem ser reunidos em grandes grupos temáticos, como a saúde da população negra (*Os impactos da covid-19 sobre a população negra brasileira*), e dos povos originários (*A vulnerabilidade das Políticas Públicas e o impacto nas comunidades*), as ações de trabalhadores da saúde e sanitários (*O enfrentamento da covid-19 e os profissionais da Atenção Básica; As políticas de saúde dos trabalhadores frente à pandemia COVID 19 - A dualidade entre a vida e a morte; O profissional Sanitarista como promotor da equidade em saúde; Ciências Sociais e Humanas na Saúde Coletiva; A Gestão em Saúde na APS durante a pandemia - comparação RS e RJ*), e a arte, a cultura e a história da população negra (*O Hip-Hop como instrumento para manutenção da saúde mental da juventude negra diante da covid-19; Masculinidades Negras; Artes, Culturas e Saúde Coletiva*).

O primeiro grupo, “*Os impactos da covid-19 sobre a população negra brasileira*”, trouxe

convidados escolhidos entre representantes da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre e do GT Racismo e Saúde da ABRASCO para discutir a forma desigual como a população negra foi atingida pela pandemia. Os convidados revisaram como a saúde da população negra é mantida, historicamente, afetada pelo racismo institucional e em situação periférica através de práticas determinadas pelos grupos dominantes. Destacaram os fatores históricos que podem fragilizar a saúde da população negra, deixando muito claro que esta **não** é uma população mais doente, mas que, forçada a piores condições de vida, tem desfechos desfavoráveis e comorbidades mais prevalentes. Enfaticamente colocaram que não se pode biologizar esse quadro, pois é essencialmente determinado pelo racismo e determinantes sociais da saúde. Desfechos desfavoráveis como hipertensão, principalmente, mas também obesidade e problemas cardiovasculares, são parte desse quadro determinado pelas baixas condições socioeconômicas a que é submetida, em muito maior proporção, a população negra. Esses desfechos são reconhecidamente fatores complicadores da covid-19, levando a mais mortes por covid-19 neste grupo humano. Além disso, idosos são o grupo de maior risco para morte por covid-19. Também se revisou o papel da iniquidade e da qualidade do envelhecimento entre a população negra no que tange à grande desproporcionalidade de mortes por covid-19. Ainda neste grupo, muitos aspectos semelhantes foram trazidos na discussão sobre os povos originários, no diálogo *A vulnerabilidade das Políticas Públicas e o impacto nas comunidades*, no qual foram descritas as formas de vida e riqueza de tradições dos povos guarani e kaingang no Rio Grande do Sul, destacando a cosmovisão desses povos, suas visões de bem viver e saúde e suas formas de vida, também amplamente ignoradas no enfrentamento oficial à covid-19.

No grupo 2, ligados muito de perto às questões de saúde discutidas nos eventos da categoria

anterior, os diálogos englobaram arte, cultura e história da população negra. O hip-hop, mais do que simples manifestação de um grupo, foi apresentado como forma de vida e manutenção da saúde das populações mantidas na periferia. O diálogo *Hip-Hop como instrumento para manutenção da saúde mental da juventude negra diante da covid-19* referiu, também, às tentativas de desqualificar e limitar essas manifestações, herdeiras de toda a história de supressão cultural da população negra. Neste mesmo grupo, o diálogo *Masculinidades Negras* foi atravessado não só por questões de racismo institucional, que historicamente distorceram a imagem do homem negro, estabelecendo estereótipos negativos, mas também pelas questões de gênero que afetam sua saúde, principalmente a dos homens trans, ainda invisibilizados em nosso sistema de saúde. Por fim, o diálogo *Artes, Culturas e Saúde Coletiva* trouxe as vozes dos trabalhadores das artes enfrentando o que são, na verdade, ações criminosas, causadoras de muita dor, superlativada por todas as dificuldades do trabalho artístico e cultural durante a pandemia.

No terceiro grupo, os diálogos tiveram em comum a visão ampla perpassada pelas questões sociais e gerenciais da ação do sanitarista. *O enfrentamento da covid-19 e os profissionais da Atenção Básica* partiram da constatação da falta de recursos essenciais, como EPIs, levando a sofrimento, estresse e um número desproporcional de mortes entre esses trabalhadores no Brasil. Já *As políticas de saúde dos trabalhadores frente à pandemia COVID 19 - A dualidade entre a vida e a morte* olhou para tais contextos radicalizados, inclusive as exigências feitas mesmo sem haver respaldo das altas gestões. Em *O profissional sanitarista como promotor da equidade em saúde*, a ação do sanitarista foi colocada na prestação do serviço de atenção e, além disso, no contexto da vida dos que enfrentam condições iníquas determinadas social, histórico e culturalmente. *A Gestão em Saúde na APS durante a pandemia - comparação RS e*

*RJ* foi o diálogo que trouxe visões das práticas da ação sanitarista nesses dois estados, proporcionando aos participantes, além de relatos do dia a dia na gestão de uma crise pandêmica, o destaque de semelhanças e diferenças em diferentes contextos. Por fim, o diálogo *Ciências Sociais e Humanas na Saúde Coletiva* permitiu aproximar a realidade do enfrentamento da pandemia à ação sanitarista futura dos participantes, a maioria estudantes em formação.

Alguns dos desdobramentos e possíveis produções a partir dos *Diálogos na Pandemia* proporcionam enriquecimento pessoal e aprendizagens significativas<sup>5</sup>, que se dão “quando o aluno (re)constrói o conhecimento e forma conceitos significativos sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade”<sup>6: 71</sup>. O enriquecimento acadêmico também se deu através do desenvolvimento de habilidades, como a organização e mediação de eventos e a elaboração dos pôsteres para a divulgação de cada um. Além disso, foram escritos trabalhos para divulgação em salão de extensão e participação em congressos (14º Congresso Internacional da Rede Unida), bem como foi produzido material que poderá ser usado para suscitar outras discussões sobre os temas abordados, através das edições das gravações dos eventos e sua disponibilização. Essas formas de ação apontam para a possibilidade de aprendizagem permanente e continuada, essencial para o trabalho na saúde.<sup>7</sup>

O grupo é formado por um núcleo de aproximadamente 20 discentes e 2 docentes, que frequentam regularmente os encontros, e por participantes ocasionais, sendo que já tivemos atividades com mais de 50 participantes. A maior parte dos integrantes está vinculada ao Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas também participam docentes e discentes de outros cursos e instituições, bem como trabalhadores da saúde.

Os encontros ocorrem semanalmente, com carga horária máxima de 4 horas/aula, através da plataforma virtual Mconf/UFRGS. A definição do tema se dá de forma espontânea e por consenso entre os participantes, destacando sempre a organização horizontalizada. As funções de liderança são assumidas por qualquer participante que se propõe a realizar alguma tarefa para o grupo. Essa horizontalidade também se evidencia no fato de todos os participantes mais frequentes serem administradores das ferramentas virtuais, podendo iniciar a atividade, gravá-la e aceitar a entrada de novos participantes.

Todas as atividades têm o apoio de um grupo de WhatsApp para a sua organização, mas que também funciona para troca de informações e discussões de várias naturezas, de posicionamentos políticos a humor. Além disso, são sugeridos e discutidos textos acadêmicos e literários, filmes, vídeos e escrita poética como forma de aprofundar a compreensão do grupo antes e depois dos encontros.

O grupo é autônomo, mas ganhou suporte institucional de outros coletivos da universidade, tal como o Programa de Educação Tutorial Participação e Controle Social em Saúde (PETPCSS/UFRGS) e o Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde (LAPPACS/UFRGS). O PETPCSS e o LAPPACS, além de terem membros que participam do grupo, estão contribuindo para a organização e divulgação das atividades.

### **Discussão e realizações**

A horizontalidade das interações suscitou a formação de eixos e subeixos temáticos, tais como: dinâmicas da assistência no cenário atual do Sistema Único de Saúde; condições de trabalho na assistência e seus impactos sobre a saúde mental do trabalhador; serviços de saúde e gestão da assistência no contexto da pandemia; direitos humanos, populações e

territórios; saúde da população negra, da população indígena, quilombola, povos originários e tradicionais, moradores de periferias e de favelas brasileiras; estratégias comunitárias e redes de apoio mútuo; branquitude e racismo como determinantes sociais da saúde; História, Filosofia, Cultura e Arte para a promoção da equidade; Ciências Sociais e Saúde Coletiva. Os eixos e subeixos foram orientados pelo viés biopsicossocial aplicado à saúde, evidenciando a característica transdisciplinar na elaboração de pensamento crítico, o que contribui para uma análise complexa e integral em saúde, respondendo às necessidades de mudança nos padrões tradicionais hierárquicos para preparar os profissionais da área da saúde<sup>8</sup>, como os sanitaristas.

Ao total houve a contribuição de 17 convidados e a soma de 10 encontros gravados, totalizando 27 horas de material bruto. Os encontros estão sendo editados e serão veiculados no canal de YouTube do LAPPACS, servindo como recurso para suscitar reflexões, discussões e outras construções entre os discentes da Saúde Coletiva e a comunidade. De dentro do grupo surgiram, também, ações solidárias que articularam alguns membros na busca de doativos, tais como alimentos, produtos de higiene e, até mesmo, uma cadeira de rodas, carrinho e cama para bebê, e outros materiais e objetos que foram doados a colegas que estão enfrentando dificuldades devido à pandemia.

O projeto refletiu a relevância das ações de extensão para potencializar o processo formativo dos discentes e, da mesma forma, o papel social destas ações construindo pontes entre a universidade e a sociedade. Esse projeto não é uma ação isolada, mas faz parte de um amplo conjunto de ações que expandiram os sentidos das práticas acadêmicas e de cuidado<sup>8; 9</sup>, oferecendo alternativas criativas para novos e antigos desafios apresentados na interface entre ensino e serviços de saúde, ressaltando a

importância da autonomia dos discentes<sup>2</sup>, da aprendizagem significativa<sup>5;6</sup>, da flexibilidade institucional e do tripé ensino-pesquisa-extensão<sup>1</sup>, e da Educação Permanente em Saúde como estratégia para a transformação do cotidiano e das práticas de cuidado<sup>7</sup>.

### Considerações Finais

Enfrentar os desafios para o aprimoramento da formação no ensino das políticas públicas em uma perspectiva crítica<sup>10</sup> e por meio de ações de extensão<sup>1</sup>, frequentemente discutidos na literatura, evidenciou ainda mais o papel social da universidade para o fortalecimento da rede de ensino e serviço<sup>9</sup>, não apenas qualificando a atuação profissional, mas também a atuação docente em estratégias de Educação à Distância e na implementação de projetos que utilizam amplamente tecnologias da informação.

O enfrentamento da situação de pandemia, sem precedentes historicamente próximos, suscitou o desenvolvimento de uma ação educacional inovadora, construída horizontalmente, através do fundamental protagonismo de todas/os conjugado à abertura de padrões extensionistas mais tradicionais através da coparticipação docente. A ponte ensino, pesquisa e extensão foi ativada no momento em que o grupo sentiu necessidade de sistematizar a produção coletiva em publicações acadêmicas, que estão sendo importantes para o processo de síntese e elaboração por parte dos participantes, mas também para a socialização

de uma experiência considerada exitosa pelos envolvidos<sup>11</sup>. Este artigo é um destes esforços.

O uso das ferramentas virtuais foi fundamental e se mostrou mais eficiente na medida em que articulou diferentes plataformas, tais como o WhatsApp, o Mconf/UFRGS, YouTube (streaming), Facebook, Instagram e a página institucional da UFRGS para divulgação dos encontros. A motivação e coesão do grupo surgem como grande destaque, pois mantiveram os integrantes mobilizados e motivados durante todo o período do isolamento, contribuindo para suas aprendizagens, para o acolhimento e o fortalecimento da saúde mental dos integrantes, bem como para a articulação com profissionais de saúde, estudantes de outros cursos e universidades e ativistas de movimentos sociais, sendo que alguns passaram a frequentar os encontros do grupo.

Obviamente, ao abordar temas complexos e conflitantes, tais como as desigualdades sociais e iniquidades em saúde, diversas tensões tiveram que ser negociadas e discutidas pelos participantes. A horizontalidade e abertura que conduzem os encontros do grupo parecem ter sido um elemento fundamental para o êxito e continuidade das atividades<sup>2</sup>, pois implicou os membros do grupo e incluiu os temas mais urgentes e presentes na sociedade e no cotidiano acadêmico, que ganharam intensidade no contexto pós-pandemia.

### Referências:

1. Machado FV, Ferla AA, Santos BS, Possa LB, Pedrosa VD, Carneiro IO. Avaliando o uso de metodologias ativas na formação em saúde: História das Instituições e Políticas Públicas de Saúde. **Saúde em redes**. 2019. 5(3): 93-107.
2. Berbel N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**. jan./jun. 2011;32(1):25-40.
3. Biscarde D, Pereira-Santos M, Silva L. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e extensão centradas na

- realidade e repercussões no processo formativo. **Interface** (Botucatu). 2014 [acesso em 16 set 2019];18(48):177-86. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000100177&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100177&lng=pt&nrm=iso)
4. Santos, BS. **A Universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez Editora; 2004.
  5. Buchweitz B. Aprendizagem significativa: ideias de estudantes concluintes de curso superior. **Investigações em Ensino de Ciências**. 2001;6(2):133-41.
  6. Carril MGP, Natário EG, Zoccal SI. 2017. Considerações Sobre Aprendizagem Significativa a partir da visão de Freire e Ausubel - Uma Reflexão Teórica. **e-Mosaicos** 6, 13: 68–78. <https://doi.org/10.12957/emosaic.2017.30818>
  7. Ceccim RB. Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. **Interface Comunic Saúde Educ**. [acesso em 25 set 2019] 2005;9(16):161-177. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n16/v9n16a13.pdf>
  8. Casimiro CF, Barreto TA, Amorim RF, Barreto F, Hayd RLN, Cardoso AS. Narrativas do enfrentamento a COVID-19: resultados de uma ação de extensão a acadêmicos de enfermagem no extremo Norte do Brasil. **Saúde em Redes**. 2020. 6 (Supl. 2): 7 – 17. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3211/551>
  9. Lopes GVB, Costa KFL. Impactos e desdobramentos da pandemia da COVID-19 na Atenção Básica: um relato de experiência. **Saúde em Redes**. 2020. 6(Supl. 2): 7-16. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3298/565>
  10. MACHADO, F. V.. Psicologia Social e Formação de Psicólogos: Reflexões A Partir de Uma Experiência Docente. **Psicologia da Educação**. v. 32, p. 141-162, 2011.
  11. Cyrino LG, Pinto HA, Oliveira FP, Figueiredo AM, Domingues SM, Parreira CMSF. Há pesquisa sobre ensino na saúde no Brasil? **ABCS Health Sci**. 2015 [acesso em 25 set 2019];40(3):146-55. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/2318-4965/2016/v40n3/a5338.pdf>

#### Como citar:

Machado et al.. Entre a saúde, as ciências sociais e a arte: diálogos na pandemia. **Saúde em Redes**. 2020;6(Supl.2). DOI: <https://doi.org/10.18310/2446-48132020v6n2Suplem.3378g575>.

Recebido em: 29/10/2020

Aprovado em: 17/12/2020